

FLORENCIA ETCHEVES

A cozinheira de Frida



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

FLORENCIA ETCHEVES

A cozinheira de Frida



Planeta

Tradução:
Marianna Muzzi



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Florencia Etcheves, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright © Marianna Muzzi, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *La Cocinera de Frida*

Preparação: Andréa Dutra
Revisão: Mariana Rimoli
Diagramação e projeto gráfico: Vivian Valli
Capa: Anônima Agency /Lyda Sophia Naussán R
Foto de capa: Getty Images /Bettmann
Adaptação de capa: Camila Senaque

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Etcheves, Florencia
A cozinheira de Frida / Florencia Etcheves; tradução de Marianna
Muzzi. – 1. ed. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
496 p.

ISBN 978-85-422-2204-3
Título original: *La Cocinera de Frida*

1. Literatura argentina I. Título II. Muzzi, Marianna

23-1842

CDD Ar860

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura argentina



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

Editora Planeta 
Brasil | **20**
ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Fairfield
LH e Abril Display e impresso pela
Gráfica Santa Marta para a Editora
Planeta do Brasil em maio de 2023.

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Buenos Aires, agosto de 2018

Minha avó era especialista em mortes alheias. A relação íntima e até carnal que os mexicanos têm com a arte de morrer a colocava em um lugar de autoridade. Ela tinha prazer em apelidar a morte com nomes zombeteiros, como se isso a ofendesse ou pudesse afastá-la dali: a ossuda, a maldita, a parca, a careca. Mas suas estratégias não conseguiram conter o inevitável.

— A morte espreita, mas não espera, minha querida — ela murmurou, enquanto eu apoiava a minha mão sobre a dela. Sua voz pujante tinha perdido a intensidade até transformar-se em um fio de som fraco e gasto. — A ossuda está chegando, eu já a vi. Você não consegue sentir o cheiro?

O quarto tinha um odor cítrico. Na mesa de cabeceira, uma jarra de vidro cheia de água com rodela de laranja e pedaços de gengibre exalava um aroma que me transportava às tardes da minha infância, àquelas horas sentada à mesa da cozinha da minha avó seguindo as suas instruções precisas: cortar limões e toranjas em rodela bem fininhas, fazer misturas de alecrim, louro, tomilho e hortelã em montinhos não maiores do que a palma da minha mão e triturar no pilão de pedra favas de baunilha e canela até que elas se tornassem apenas um pó tão volátil como a areia. A alquimista que me ensinou a produzir fragrâncias naturais estava na cama, deitada sobre travesseiros com fronhas brancas e coberta até a altura do peito com um desses cobertores de lã roxo-escuro que são encontrados em todas as camas das casas de idosos.

— Espero que a partida seja feliz, e desta vez espero não voltar — salientou.

Eu não soube o que responder. Simplesmente apertei forte a mão ossuda que o tempo havia desgastado até deixá-la do tamanho da

mão de uma garotinha e cravei os olhos em um pote de creme que estava perto do perfume de laranjas. Abri-o com cuidado e afundei os dedos no creme branco; com a mão livre, puxei o cobertor roxo e levantei lentamente a sua camisola.

As pernas da minha avó continuavam com a forma e a tonicidade antigas. Ela sempre dizia que tinha pernas de bailarina, e ninguém se atrevia contradizê-la. Os anos haviam desbotado a sua pele morena; as veias que tinham conseguido manter-se ocultas começaram a aparecer até formar um desenho similar ao de um mapa sulcado por rios finitos que iam desde os tornozelos até as coxas, passando pelas laterais dos joelhos. Continuei o percurso das veias, salpicando nelas pequenas porções de creme hidratante. Quando as pernas da minha avó ficaram cobertas de pontinhos brancos, usei as palmas das mãos para massageá-las, lentamente, mas com firmeza. Cada músculo, cada poro, cada centímetro. Fiz uma pausa na mancha de nascimento que decorava a lateral da sua coxa direita, logo acima do joelho: uma pinta oval do tamanho de uma moeda. Minha avó usava saias compridas o suficiente para cobrir a tal mancha e, ao mesmo tempo, deixar expostas as curvas perfeitas de suas panturrilhas. O comprimento perfeito. Nas noites de verão, as camisolas de musselina permitiam-me ver essa pinta que, aos meus olhos de garota, a tornava especial.

Enquanto eu acariciava com o indicador o contorno de cor de chocolate escuro, lembrei-me da sua reação ao lhe perguntar, quando eu era bem pequena, por que ela tinha a perna manchada. Com um movimento rápido, minha avó puxou o vestido para baixo, como se eu a tivesse flagrado cometendo um pecado; cravou os olhos no chão e disse, em um sussurro, que, muitos anos antes, na cidade de San Pedro Mixtepec, em sua região natal de Oaxaca, um grupo de caçadores detivera-se em frente à pedra gigante de um cerro. Sobre a pedra havia o desenho da silhueta de uma mulher indígena que cobria o corpo apenas com as suas tranças longas. Ao lado da pedra, havia uma quantidade enorme de chumbo. Os caçadores, muito determinados, guardaram em suas bolsas o chumbo com que pretendiam fabricar balas. O boato correu como correm todos os boatos: de boca em boca. Formaram-se

grupos de peregrinos que foram até a pedra, todos queriam conhecer a indígena mágica. Até que uma situação lhes serviu de alerta: muitos dos homens que haviam subido o cerro nunca mais voltaram. Os moradores dali juravam que à noite escutavam os gritos assustadores dos desaparecidos. Só um deles voltou. Com o olhar ainda atravessado pelo pânico, ele contava, a quem quisesse ouvir sua história, que a indígena das tranças e da pinta na perna estava amaldiçoada. Minha avó dizia que era descendente direta daquela mulher. Eu acreditava tanto nela que durante muito tempo desenhava, com uma canetinha da cor de café, uma pinta igual a dela. Foi a única forma que encontrei de me encaixar naquela linhagem à qual minha avó pertencia. Uma forma pouco eficaz, que se desfazia todas as noites com água e sabão.

— Acabou, Paloma. É hora de deixá-la partir. Ela tem que seguir o seu caminho — disse uma das enfermeiras, enquanto apoiava a mão afetuosa no meu ombro.

Nayeli Cruz, minha avó, a indígena mágica, morreu aos noventa e dois anos, sem que eu pudesse terminar de espalhar o creme hidratante sobre as suas pernas de bailarina.

2

Tehuantepec, dezembro de 1939

Como todas as manhãs, segundos antes de abrir os olhos, entre o sono e a vigília, Nayeli esticou os braços e, com a ponta dos dedos, examinou a lateral da cama. Não pensava em começar o dia sem colocar a mão na bochecha quente de sua irmã mais velha. Apesar dos três anos de diferença entre elas, muitos pensavam que eram gêmeas: as pernas finas de coxas arredondadas; os quadris largos; a boca carnuda com os cantos levantados, que davam a aparência de estarem sempre sorrindo, ainda que não o fizessem com muita frequência; e os tufo de cabelo preto, lisos, brilhantes, que desciam como uma cortina de seda até a cintura fina. Mas os olhos as diferenciavam. Os de Rosa eram puxados e castanhos, como a cor do rio Tehuantepec; os de Nayeli, redondos e verdes, como duas folhas de nopal. “Nós, as tehuanas,¹ temos no sangue todas as raças do mundo”, costumava responder Ana, sua mãe, toda vez que alguém franzia a testa diante da figura de uma indígena de olhos claros.

Rosa tinha o dom do movimento: seu corpo parecia estar sempre dançando uma música que só existia na sua imaginação. As pessoas, algumas vezes com dissimulação e outras sem rodeios, passavam por seu posto de trabalho no mercado com o único objetivo de vê-la arrumar as frutas com seus dedos longos e finos, como se essa simples tarefa fosse um espetáculo por si só. Primeiro ela colocava as bananas, as mangas, os figos e as pilhas de ameixa sobre a saia bordada de flores; com um pano de algodão limpava o pó e as penugens, com a delicadeza de uma mãe que limpa o seu bebê; por último, antes de arrumar as frutas nos cestos, ela se despidia de cada uma delas com um beijo suave.

1 Natural de Tehuantepec, distrito do estado de Oaxaca, no México. (N.T.)

Desde pequenas elas dividiam o quarto, o maior e mais espaçoso da casa de adobe construída e restaurada no terreno da família Cruz. A decisão de que dormissem juntas tinha sido tomada por Miguel, o pai da família, depois de uma febre violenta que quase levou a vida da bebê Nayeli. Ele sempre fora intenso, mas discreto, nunca teve de ser turbulento para que sua vontade fosse respeitada: era um homem de silêncios eloquentes. E ninguém se atreveu a discutir com ele.

Tentaram de tudo para salvá-la. Nem as três galinhas caipiras oferecidas a Leraa Queche, nem as velas acesas dia e noite para Nonachi, nem sequer a intermediação do mestre letrado ante os deuses extraterrenos conseguiram fazer com que a menina melhorasse: seu corpo se transformara em um pacote pequeno e quente como uma brasa, uma bola de carne e sangue que se agitava no afã desesperado por respirar. Foi Rosa, com apenas seis anos na época, que trouxe a solução.

— Uma mulher de cabelo branco me deu isto para a minha irmãzinha — ela disse com uma voz tranquila enquanto estendia as mãos, que seguravam uma cesta pequena feita de fibra vegetal.

Ana e Miguel, a mãe e o pai, tiraram de dentro da cesta uma mistura pegajosa de resina de copal e, ao mesmo tempo, olharam para a filha mais velha sem entender e sem saber o que perguntar. A menina continuou a história:

— Ela me disse que devemos esquentar a resina e aproximar Nayeli de sua fumaça branca.

A convicção com que a menina deu as instruções não deixou margem para dúvidas; tal era o desespero para salvar a vida da bebê que eles nem sequer repararam que Rosa tinha falado rápido e não usara a media lengua.² Tampouco se deram conta de que ela estava vestida com seu traje de gala: a saia e o huipil³ de flores bordadas com fios vermelhos e dourados, e que seus pés, que sempre estavam descalços, calçavam as huaraches⁴ de couro.

2 Língua formada a partir da mistura do vocabulário castelhano com a gramática quíchuá. (N.T.)

3 Espécie de túnica sem mangas tradicional do México. (N.T.)

4 Sandálias tradicionais do México. (N.T.)

A madrinha Juana correu até a casa dela e buscou uma tigela de pedra que normalmente usava para triturar sementes. Untaram o seu interior com parte da resina e, no meio, colocaram o restante formando uma bolinha desforme. Miguel acendeu um pedaço de carvão pequeno e o afundou na copalera⁵ improvisada. Não souberam de onde Rosa tirou a força para pegar a bebê nos braços, mas não ousaram questionar o que lhes parecia ser um desígnio divino: era ela quem dispunha de conhecimento e poder.

A fumaça esbranquiçada espalhou-se pela sala da casa, o aroma carregado de copal penetrou nos pulmões de todos. Rosa deitou Nayeli no chão, sobre um cobertor de algodão estampado nas cores azul e amarelo. Em um piscar de olhos, as nuvens de fumaça se juntaram e formaram uma única nuvem compacta que envolveu a bebê como se fosse um manto caído do céu. Ninguém se moveu por medo de quebrar o encanto; até Rosa, a única da família que trazia certeza ao infortúnio, ficou com os pés pregados no chão.

O grito pungente de Nayeli os fez sobressaltar. A nuvem desapareceu de repente, sem deixar rastro. A mãe e a madrinha taparam os olhos ao mesmo tempo – uma o fez com a parte de baixo do huipil; a outra, com a saia. Nenhuma das duas tinha coragem de comprovar o que havia acontecido com a bebê. Miguel, que acompanhara todo o ritual olhando pela janela para a grande ponte de aço que atravessa as praias arenosas do rio Tehuantepec, permaneceu na mesma posição, como se a intensidade do seu olhar fosse capaz de derrubar aquela construção.

— Vejam, aqui está a minha irmãzinha. Ela já não queima mais como uma brasa! — exclamou Rosa ao mesmo tempo que segurava Nayeli. — E ela sorri. Vejam, vejam! A bebê sorri.

Quando a mãe, a madrinha e o pai se juntaram a elas, Nayeli já não sorria mais, mas a febre tinha passado e o peito não tremia como o de um animalzinho ferido.

— Você salvou sua irmã, Rosa — disse Miguel. — A partir de hoje, você será a guardiã dela, sua protetora. Vocês dormirão juntas

5 Cálice tradicional do México relacionado à deusa da fertilidade. (N.T.)

no quarto maior para que possa defendê-la dos demônios e dos jaguares que em algumas noites se aproximam daqui.

A irmã mais velha seguiu aquela ordem ao pé da letra. Ao longo dos anos, ela se transformou em um talismã: era a última coisa de que Nayeli precisava antes de dormir e a primeira ao acordar. Mas, nessa manhã, as pontas dos seus dedos não encontraram o calor do corpo de Rosa. Nayeli esticou um pouco mais o braço, e nada. Não teve outra opção senão abrir os olhos para comprovar o que suspeitava: sua irmã não estava ao seu lado na cama. Um coco embrulhado em um tecido branco com listras azuis e vermelhas ocupava seu lugar.

— Mamãe, mamãe! — gritava, enquanto corria pelo corredor longo que ligava os quartos ao resto da casa. Ela estava descalça, vestia apenas uma camisola de algodão branco e segurava junto ao peito o coco e o tecido. — Por que Rosa me deixou este presente se hoje não é o dia do meu aniversário?

Ana apenas olhou para cima quando a filha caçula entrou como um furacão na sala. Ela continuou quieta, sentada numa cadeira de balanço de vime com os lábios contraídos e os braços cruzados sobre o peito. Parecia uma garota mimada, de quem acabavam de tirar um doce. Nayeli não se lembrava de quando tinha sido a última vez que vira a mãe sentada, sem que suas mãos estivessem cozinhando, bordando huipiles próprios ou alheios ou fazendo cestos de uma infinidade de formas e tamanhos. A única coisa que assustou a mulher foi o estrondo que o coco produziu ao cair no chão, partindo-se ligeiramente. Nayeli pôde sentir a polpa gelatinosa da fruta se infiltrando entre os dedos dos pés.

O coco escorregou de suas mãos quando viu que a mãe estava usando seu traje de gala, o único que ela tinha, que costumava usar na festa do santo padroeiro, nas Velas,⁶ nas missas especiais ou para se despedir dos mortos: o huipil de cintura alta, de musselina, bordado com motivos de flores e folhas com fios violeta, vermelho e escarlate; a saia de veludo combinando, de babado de renda liso e engomado. Pendurado no pescoço, o pingente de uma moeda de

6 Festas tradicionais mexicanas em homenagem a santos padroeiros. (N.T.)

ouro antiga e, para coroar essa imagem majestosa, ela usava um hui-pil de cabeça,⁷ cujas várias pregas de renda emolduravam seu rosto, fazendo-a parecer uma guerreira.

— Mamãe — insistiu Nayeli, desta vez sem gritar. Apenas um fio de voz saiu de sua garganta —, onde está Rosa? Por que você está usando o seu traje de gala?

— Pedro a levou, minha querida — sussurrou Ana.

Miguel se aproximou da filha caçula e acariciou com ternura o cabelo preto que caía por suas costas.

— É a tradição, Nayeli — explicou. — Sua irmã já está na idade de formar uma família. A madrinha Juana, suas primas e suas tias estão na casa de Pedro Galván testemunhando que Rosa honrou esta casa e esta família.

Nayeli poderia ter gritado que sua irmã não estava apaixonada por Pedro, que a família deveria evitar esse casamento, que Rosa ainda era muito jovem para pensar em um lar com filhos próprios; no entanto, preferiu pisar com os pés descalços sobre os pedaços de coco espalhados pelo chão, bater a porta com força e correr as quadras que separavam a sua casa da casa da família de Pedro.

Diante do olhar atônito das mulheres seminuas que se banhavam ao mesmo tempo que lavavam roupa, encurtou caminho pela margem do rio. A garotinha de camisola e olhos verdes que corria pelos bancos de areia como se perseguisse o diabo surpreendeu todas elas.

A casa da família Galván era espaçosa, de paredes de tijolo à mostra e telhados metade de adobe e palha, metade de telhas. Eles haviam migrado para o istmo de Tehuantepec no ano de 1931, alguns dias depois que o terremoto de Oaxaca converteu o pouco que eles tinham em pó. O movimento brutal da terra não tinha assolado apenas a cidade, mas também o status social que os Galván ostentavam: eles passaram de ricos a humildes comerciantes de frutas e legumes no mercado. Nunca puderam esquecer a tragédia, o momento exato em que uma parte do teto desabou e as paredes

7 Um adorno de cabeça, geralmente rendado, tradicional do México. (N.T.)

racharam como se fossem de papel, os gritos dos vizinhos misturados com os rangidos da terra e o estrondo que a queda do sino da igreja de São Francisco provocou. O pai, a mãe e os filhos se ajoeilharam na rua, à qual haviam conseguido chegar, e prometeram ao Altíssimo que, se sobrevivessem, nunca mais reclamariam de nada. A família Galván sobreviveu e cumpriu sua promessa. Todos menos Pedro, que não se lembrava de ter prometido nada a ninguém.

Nayeli não teve que entrar às escondidas nem inventar nenhuma desculpa para escutar e ver o que estava acontecendo dentro da casa. Todas as janelas e a porta de batentes verdes estavam abertas. Bastou aproximar-se da janela principal. A irmã estava deitada em uma cama pequena com lençóis branquíssimos; seu corpo coberto com uma manta de algodão também branca.

A madrinha Juana comandava a cerimônia. Ganhara esse posto graças a um passado dedicado a enterrar os mais humildes. Ninguém estava tão a par das tradições antigas que rodeavam a morte como Juana, e ninguém era tão eficaz na hora de fiscalizar o ritual zapoteca.⁸ Por trás de seu corpo robusto, suas irmãs, Josefa e Leticia, contribuíam salpicando pétalas de flores vermelhas e papéis picados sobre o corpo de Rosa, que do seu lugar de repouso as olhava com um sorriso triste. Alguém lhe havia colocado um lenço bordô sobre a cabeça.

— Você está aqui por vontade própria, minha filha? — perguntou-lhe Juana.

Rosa se sentou na cama, com as costas apoiadas contra a parede e os braços cruzados sobre o peito. Do outro lado da janela, Nayeli tentou decifrar a demora de sua irmã mais velha para responder à pergunta.

— Sim, madrinha — disse Rosa com uma voz firme.

Suas bochechas escuras se acenderam e os olhos castanhos se encheram de pequenos laguinhos que ficaram estagnados nos cílios, como se fossem um dique. Os ombros nus tremeram e, por um segundo, o brilho do seu cabelo pareceu ofuscar-se. Rosa mentia, e Nayeli soube de imediato.

8 Os zapotecas são uma população indígena mexicana ancestral. (N.T.)

Os conselhos matrimoniais das mulheres que rodeavam a cama não demoraram a chegar e ressoavam nas paredes do quarto:

— Não é correto que você tenha fugido com seu noivo, mas entendemos que seja a tradição.

— A partir de agora, você terá uma nova família para respeitar e amar.

— Você não deve faltar com o respeito ao seu marido nem aos seus sogros.

— Você deverá educar seus filhos no trabalho e no esforço.

— Você não deve demorar para dar filhos à sua família, esse é o dom que nós, mulheres, temos.

Palavras e palavras que se negavam a entrar nos ouvidos de Rosa.

Nayeli sabia que tinha de resgatar a irmã, salvar a vida dela. Devia-lhe isso. Afastou-se da janela e, na ponta dos pés, contornou a casa. Desviou dos cestos que diariamente se enchiam de frutas e legumes da horta para serem vendidos no mercado, também contornou a estrutura de folhas de bananeira que, colocadas sobre varas de bambu, continham o dobro da mercadoria que os cestos comportavam. Ficou parada uns segundos diante de uma pequena porta que dava para a cozinha da casa dos Galván; o aroma do pão fresquinho e dos tamales⁹ fizeram seu estômago roncar – na pressa de salvar Rosa, tinha se esquecido de tomar o café da manhã.

Quando chegou à porta principal, a de batentes verdes, entrou com tanta confiança que nenhuma das mulheres acomodadas nas cadeiras da sala lhe prestou atenção. Algumas entretinham-se descascando frutas; outras, estavam empenhadas na produção de umas coroas de rosas vermelhas. Nayeli atravessou um corredor escuro. A luz do sol, que iluminava todos os cômodos da casa, não chegava a esse conduto de paredes de adobe úmidas. Reconheceu o quarto que tinha visto pela janela, entrou devagarinho e se sentou em um canto.

Conseguiu ver o momento exato em que a irmã, da cama, entregava à madrinha Juana um lenço branco com manchas vermelhas.

⁹ Um dos pratos mais típicos da culinária mexicana, trata-se de uma massa de milho recheada de diferentes modos e envolta em palha de milho ou folha de bananeira. (N.T.)

A madrinha, as tias e as primas exclamaram com entusiasmo, ao mesmo tempo que aplaudiam emocionadas. Não demoraram nem dois minutos para sair do quarto em procissão, com Juana à frente; em seus braços, a madrinha levava o lenço com o sangue virginal de Rosa como se fosse um bebê recém-nascido.

— O que você faz aqui, minha querida? — perguntou a irmã mais velha quando percebeu que tinham ficado as duas a sós.

— O que você faz aqui? Vista-se e vamos agora mesmo de volta para casa! — ordenou a irmã caçula. Ela pegou a saia e o huipil de Rosa, que estavam largados, amontoados no chão, e jogou as roupas em cima da cama. — Vamos, vista-se!

— Vem aqui, irmãzinha — disse a mais velha, com um tom maternal.

Nesse instante, Nayeli se deu conta de que acabava de perder a irmã. No entanto, obedeceu e se sentou ao seu lado, com a postura de quem vai visitar um doente. Rosa pegou as mãos dela, beijou-as e a advertiu:

— Você tem que ir embora. — Nayeli abriu a boca para interrompê-la, mas Rosa encostou-lhe o dedo indicador sobre os lábios e continuou falando. — Eu já sou a mulher de Pedro Galván, dei a ele meu corpo em troca do seu. Mas você não está a salvo, muito em breve o irmão dele, Daniel, irá atrás de você.

— O que você está dizendo? Não te entendo.

— Você é uma tehuana de olhos verdes, minha querida. Isso é muito valorizado pela família Galván. Eles insistem que, com isso, conseguirão de volta o status que perderam depois do terremoto.

— Nossa família não vai permitir. Vamos sair daqui agora mesmo.

— Eu vou ficar — disse Rosa com convicção. — Terei meus filhos e formarei minha família com Pedro.

— Mas você não o ama — disse Nayeli, à beira de lágrimas.

Rosa se levantou da cama. Estava totalmente nua. Uns hematomas nas coxas mostravam que o consentimento não havia feito parte da sua noite com Pedro. Caminhou lentamente até o lugar onde tinha ficado sua roupa tehuana, largada no chão. Apesar da inquietação e

da resignação, seus movimentos foram suaves, ritmados, como se o seu corpo acariciasse o ar.

Vestiu em silêncio a saia e o huipil. De memória, dividiu o cabelo em duas partes e o trançou. Enquanto enrolava as tranças com uma fita violeta sobre a cabeça, reparou que Nayeli, sua irmã caçula, seu tesouro protegido, olhava-a com o mesmo fascínio de sempre. Não conseguiu evitar o sorriso. Ficou aliviada em saber que a perda da virgindade não tinha diminuído nem um pouco o seu magnetismo. Secou as mãos suadas nas laterais da saia e ajoelhou diante da irmã, que continuava sentada na beirada da cama.

— Você tem razão, minha querida. Eu não amo o Pedro. Mas você sabe, por acaso, o que é o amor?

Nayeli negou com a cabeça, enquanto mordida o lábio inferior em um esforço para não chorar.

— O amor é uma tragédia; alguns se obrigam a ele por vontade própria, outros são obrigados. Mas nunca se é feliz. O amor feliz não faz história, e eu quero que você seja feliz e que tenha uma história. Fuja, irmãzinha do meu coração, para longe, para bem longe.

— Quão longe, Rosa? — As perguntas saíam da boca de Nayeli como uma enxurrada. Sabia que a irmã nunca estava errada e não confiava em mais ninguém além dela. — E o que eu digo aos nossos pais? E com que dinheiro devo fugir? O cerro é o lugar mais distante que meus pés já me levaram.

Rosa apertou firme as mãos de Nayeli e cravou-lhe os olhos como nunca tinha feito antes. Tirou com cuidado um colar que estava pendurado em seu pescoço e, enquanto o passava pela cabeça da irmã, disse:

— Este amuleto sempre cuidará de você. Você é a filha do momento, Nayeli. E não vou permitir que se perca.

E foi o que aconteceu.